

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TEFÉ – CEST
LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

MICHELA MONTEIRO ROCHA

**EDUCAÇÃO DO CAMPO: MOTIVAÇÕES E DESAFIOS DOS PROFESSORES DA
ESCOLA MUNICIPAL RURAL BOM JESUS DO BACURI (2021 - 2022)**

TEFÉ- AM

2022

MICHELA MONTEIRO ROCHA

EDUCAÇÃO DO CAMPO: MOTIVAÇÕES E DESAFIOS DOS PROFESSORES DA
ESCOLA MUNICIPAL RURAL BOM JESUS DO BACURI (2021 - 2022)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como
requisito para obtenção do grau de Licenciada em
História pela Universidade do Estado do Amazonas -
UEA/CEST.

Orientador: Prof. Me. Tenner Inauhiny de Abreu

TEFÉ- AM

2022

Ficha Catalográfica

A484m7

Rocha, Michela Monteiro

Educação do Campo: Motivações e Desafios dos Professores da Escola Municipal Rural Bom Jesus do Bacuri (2021 - 2022) / Michela Monteiro Rocha: Universidade do Estado do Amazonas – UEA/Centro de Estudos Superiores de Tefé – CEST. 2022

TCC – Graduação em História – Licenciatura – Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2022.

Inclui bibliografia

Orientador (a): Tenner Inauhiny de Abreu.

1. Educação; 2. Professor; 3. Desafios. I. Tenner Inauhiny de Abreu (Orient.). II. Universidade do Estado do Amazonas. III. Educação do Campo: Motivações e Desafios dos Professores da Escola Municipal Rural Bom Jesus-Bacuri (2021 - 2022) autismo.

MICHELA MONTEIRO ROCHA

EDUCAÇÃO DO CAMPO: MOTIVAÇÕES E DESAFIOS DOS PROFESSORES DA
ESCOLA MUNICIPAL RURAL BOM JESUS DO BACURI (2021 - 2022)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como
requisito para obtenção do grau de Licenciada em
História pela Universidade do Estado do Amazonas -
UEA/CEST.

Aprovada em _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Tenner Inauhiny de Abreu

Prof. Me. Jubrael Mesquita da Silva

Prof. Dr. Sidney Barata de Aguiar

TEFÉ/AM

2022

*“Instruí-vos, porque teremos necessidade de toda a nossa inteligência.
Agitai-vos, porque teremos necessidade de todo o nosso entusiasmo.
Organizai-vos, porque teremos necessidade de toda a nossa força”*

(Gramsci)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho àqueles que me acompanharam no decorrer dessa pesquisa e que foram exemplo de motivação e amor: à minha mãe/orientadora/professora que foi minha motivação e inspiração para o desenrolar desta pesquisa, foi por ela que resolvi pesquisar este tema, educação do campo, e que tive minhas indagações a respeito do profissional do campo e seus desafios.

Ofereço este trabalho também a minha família amada que nunca me largou só nesse processo, de pesquisa e escrita. Aos meus dois filhos Vinicius Gabriel e Elyne Mikaela, e meu esposo, que passaram as mesmas dificuldades comigo, nas noites que passei em claro para o desenvolvimento desta pesquisa.

Por fim, ofereço este trabalho a todos os professores do campo, que diariamente enfrentam milhares de desafios, mas nunca desistem da sua missão, oferecer educação a todos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela oportunidade a mim concedida de cursar no Centro de Estudos Superiores de Tefé-CEST/UEA, o curso de licenciatura em História e por me propiciar discernimento para lidar com as dificuldades enfrentadas durante todo o percurso acadêmico. Meu sincero agradecimento a minha família, minha mãe que sempre me incentivou a realizar meu sonho com todo seu carinho e amor, em especial meu esposo que esteve sempre presente me dando todo suporte necessário no decorrer da minha trajetória no cotidiano acadêmico, aos meus amigos de turma que direta ou indiretamente contribuíram me dando força para que eu jamais desistisse no meio do caminho.

Externo meus agradecimentos também a todos os docentes do grupo que não mediram esforços para a qualificação dos novos e futuros profissionais da educação, nos concedendo ensinamentos essenciais no processo de formação profissional, especialmente ao Prof. Me. Tenner Inauhiny de Abreu, por ter aceitado o convite de participar do meu trabalho como orientador, me auxiliando durante todo percurso da minha pesquisa, me norteando sempre pelo caminho seguro para que assim o objetivo fosse alcançado.

RESUMO

Esta pesquisa Educação do Campo: Motivações e Desafios dos Professores da Escola Municipal Rural Bom Jesus do Bacuri (2021 - 2022) tem como objetivo mostrar a realidade do Educador do Campo, em que pretende demonstrar que a educação do campo também tem um papel importante na formação dos indivíduos da zona rural de Tefé, Amazonas. Visto que a Educação do Campo pode ser planejada em todos os níveis, desde a educação infantil até o ensino superior, essa pesquisa pretende apresentar que os educadores do campo são considerados sujeitos fundamentais da formulação pedagógica e das transformações da escola, são essenciais para o processo transformador da educação, em busca de modificar uma realidade precária que não acontece sem que haja movimentação dos envolvidos. Dessa forma, utilizou-se uma metodologia qualitativa centrada na aplicação de questionário aos Educadores da Escola Municipal Bom Jesus do Bacuri, ao qual possibilitou as discussões para chegarmos aos resultados propostos, como o perfil do educador da comunidade do Bacuri, ao qual foi possível compreender que a educação do campo é tão complexa, que a cada realidade de uma escola específica há um perfil de Professor do Campo, que a cada escola, cada comunidade molda e define esse perfil. Baseada nos procedimentos metodológicos procedeu-se uma revisão sucinta da literatura, que trabalhou o conceito de Educação do Campo, com uso dos autores como Caldart (2012); Santos (2018); Tavares (2018), entre outros. Este trabalho irá contribuir no registro das experiências daqueles que se encontram distantes dos centros urbanos, e assim poderá instigar outros a conhecer a realidade dos docentes e discentes das zonas rurais.

Palavras-chave: Educação do campo, Professor, Desafios.

Abstract

This research Rural Education: Motivations and Challenges of Teachers at Bom Jesus Rural Municipal School of Bacuri (2021 - 2022) aims to show the reality of the Rural Educator, in which it intends to demonstrate that rural education also plays an important role in formation of individuals in the rural area of Tefé, Amazonas. Since Rural Education can be planned at all levels, from early childhood education to higher education, this research intends to show that rural educators are considered fundamental subjects of pedagogical formulation and school transformations, they are essential for the process. transforming education, seeking to change a precarious reality that does not happen without the movement of those involved. In this way, a qualitative methodology was used focused on the application of a questionnaire to the Educators of the Bom Jesus Municipal School of Bacuri, which made possible the discussions to reach the proposed results, such as the profile of the educator of the Bacuri community, to which it was possible to understand that rural education is so complex, that for each reality of a specific school there is a profile of a Rural Teacher, that each school, each community shapes and defines this profile. Based on the methodological procedures, a brief literature review was carried out, which worked on the concept of Rural Education, using authors such as Caldart (2012); Santos (2018); Tavares (2018), among others. This work will contribute to the record of the experiences of those who are far from urban centers, and thus will be able to instigate others to know the reality of teachers and students in rural areas.

Keywords: Field education, Teacher, Challenges.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa da localização das Comunidades do lado direito do Lago deTefé	20
Figura 2 - Frente da Comunidade do Bacuri	23
Figura 3 - Ruas de grama	23
Figura 4 - Escola Municipal Bom Jesus.....	25
Figura 5 - Obra inacabada da nova sede da Escola Municipal Bom Jesus	27
Figura 6 - Ginásio Poliesportivo da Escola Municipal Bom Jesus.....	28
Figura 7 - Recorte do Questionário.....	31
Figura 8 – Local de embarque dos Professores	35
Figura 9 - Locomoção dos professores até Bacuri.....	36

LISTA DE SIGLAS

AEE – Atendimento Educacional Especializado

ASACOMB – Associação Agroextrativista Comunitária do Bacuri

EAD – Ensino a Distância

EJA – Educação de Jovens e Adultos

IDAM – Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEB – Movimento de Educação de Base

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPITULO 1	16
1 A EDUCAÇÃO DO CAMPO.....	16
1.1 COMUNIDADE DO BOM JESUS DO BACURI	19
1.2 A ESCOLA MUNICIPAL DO BOM JESUS DO BACURI	24
1.2.1 A ESPERANÇA DE UMA NOVA SEDE.....	26
CAPITULO 2	29
2 O PROFESSOR DO CAMPO.....	29
2.1 PESQUISA DE CAMPO	30
2.2 A REALIDADE DO EDUCADOR DO CAMPO.....	31
2.3 DESAFIOS E MOTIVAÇÕES	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	42
ANEXOS	43

INTRODUÇÃO

Com o avanço do processo de modernização dos espaços urbanos, grande parte dos indivíduos que estavam no campo/zonas rurais migraram para as zonas urbanas. O êxodo rural é uma consequência do avanço do mundo moderno, que a cada descoberta, a cada inovação vai aos poucos sufocando o que passa a ser considerado como “velho”, atrasado. Parte considerável desses indivíduos que migraram para as cidades tiveram acesso à educação gerado pelo processo de urbanização e de industrialização.

Os demais indivíduos que continuaram no campo/zonas rurais tiveram que lutar pelo acesso à educação, o que por muito tempo foi oferecido da “maneira que dava”, sem que houvesse uma atenção especial para a realidade do campo. Assim, por muito tempo não fazia muito sentido para a política do país oferecer educação aos meios rurais.

A Educação no Campo inicialmente seguiu o modelo da educação urbana, deixando de ressaltar as peculiaridades locais, inclusive climáticas e econômicas, apenas se preocupou em planos inferiores, e teve por retaguarda ideológica o elitismo acentuado do processo educacional instalado pelos jesuítas e o enfoque na política ideológica da oligarquia agrária, conhecida popularmente na expressão: “gente da roça não carece de estudos. Isto é coisa de gente da cidade”. (LEITE apud BATISTA, 2018, p. 8).

Quando se fala em educação do campo, a tendência é sempre em dar foco as questões educacionais, algumas vezes nas questões de políticas públicas, e nas próprias questões da dinâmica do campo. Para além disto, esta pesquisa tem foco em dar voz aos profissionais docentes do campo, que atuam com coragem, no processo de oferecer educação de qualidade nas comunidades rurais.

Como afirma Caldart (2007), “os educadores são considerados sujeitos fundamentais da formulação pedagógica e das transformações da escola. Lutas e práticas da Educação do Campo têm defendido a valorização do seu trabalho e uma formação específica nessa perspectiva”. Assim o professor é senão parte chave do processo transformador da educação, em busca de modificar uma realidade precária que não acontece sem que haja movimentação dos envolvidos.

A presença do professor nesse processo é crucial, afinal assim como a tríade (Campo-Políticas Públicas-Educação), este exercesse um papel acaba por interligar todos esses aspectos. Nesse sentido, pesquisar as experiências de vidas desses professores, suas motivações e desafios, acabam indo de encontro com essas questões que envolvem a Educação do Campo.

Uma vez que a realidade do ensino no campo não é uma realidade muito distante do que a maioria costuma pensar, muitas vezes tratada como um anexo educacional especial, que volta e meia chama a atenção de quem coordena o sistema educacional, no entanto, assim como a educação nas zonas urbanas tem uma importância social, a educação do campo é de extrema importância.

Partindo dessa premissa, este trabalho tem como objetivo mostrar a realidade da Educação no Campo, em que pretende demonstrar que a educação no campo também tem um papel importante na formação de sujeitos-cidadãos brasileiros, que possibilitam aos sujeitos do interior¹ se embebedar do conhecimento.

A pesquisa tem o enfoque nos desafios e motivações dos professores e professoras da Escola Municipal Bom Jesus da Comunidade do Bom Jesus do Bacuri – Tefé, ao qual através de suas experiências de vida nos possibilitaram desenvolver essa pesquisa.

Vale ressaltar que conhecer a realidade de vida dos trabalhadores da educação no campo me motivou a escrever essa monografia, uma vez que passei uma parte da minha vida, com minha mãe, nas salas de aula da zona rural, em que esse período me mostrou que há uma série de desafios e motivações para os profissionais da educação no campo, no qual me instigou a entender por que determinadas situações acontecem para aqueles que se propõem a levar a informação para os sujeitos do interior. Logo, este trabalho irá contribuir no registro das experiências daqueles que se encontram distantes dos centros urbanos, e assim poderá instigar outros a conhecer a realidade dos docentes e discentes das zonas rurais.

No decorrer da pesquisa iremos salientar as questões que envolvem o trabalho do docente em campo, como o perfil desses profissionais, a formação, a atuação, o processo diário das aulas, assim como as questões pedagógicas e experiências de vidas dos profissionais.

Desse modo, as discussões dessa pesquisa serão apresentadas a partir da fundamentação teórica com base no Capítulo 1, ao qual iremos discutir o tema central dessa pesquisa, a educação no campo, em que teremos um vislumbre de como ela se apresenta na realidade da Comunidade do Bom Jesus do Bacuri. Já o Capítulo 2 é composto com os resultados das entrevistas que foram moldadas em uma metodologia qualitativa, que propõe determinar as propriedades e características da realidade estudada. Visto que a pretensão é descrever os fatos observados e estudados, e tal delimitação deve-se ao fato de poder introduzir-se no meio social em que os pesquisados estão inseridos. (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

¹ Sujeitos do interior aqui será tratado como pessoas que moram em regiões afastadas dos centros urbanos, assim também como os termos sujeitos do campo e sujeitos das zonas rurais.

Ainda no Capítulo 2, iremos analisar o Professor do Campo, sua realidade e perspectivas, para compreender as dificuldades e as experiências de vida desses profissionais, ressaltando até mesmo os aspectos das práticas pedagógicas e os desafios em períodos de seca do rio.

A ideia de que o ambiente rural é atrasado e extremamente propagada de forma ignorante, afinal trata-se apenas de uma realidade diferente daquela que estamos acostumados. Minha própria experiência pude constatar que tal fato não condiz com a realidade, uma vez que o ensino na zona rural é extremamente rico de conhecimentos, que permite um amplo espaço de trabalho para o docente, no entanto há os empecilhos que dificultam realizar o trabalho com maestria. Com base nessa premissa, existe uma grande relevância para estudarmos a realidade dos trabalhadores e o ensino na zona rural de Tefé, em que ao olharmos para os sujeitos do interior poderemos inferir nas melhorias na vida e trabalho dos profissionais da educação, e assim contribuir na qualidade do ensino-aprendizagem dos discentes.

Por fim, temos o interesse de tentar mostrar também os caminhos de análises sobre o tema dessa pesquisa, ressaltando a importância do profissional docente, da sua vivência, da batalhas e dificuldades diárias na educação do campo, para o processo educacional.

CAPITULO 1

1 A EDUCAÇÃO DO CAMPO

A partir da década de 1930, o êxodo rural intensifica o processo de migração de indivíduos que moravam no campo que passaram a viver nos espaços urbanos. Muitos destes indivíduos que mudaram-se para as cidades tiveram acesso à educação a partir do processo de urbanização, no entanto esse acesso ainda ficou restrito para aqueles que possuíam posses. Foi um processo lento para algumas camadas da sociedade, em que nem todos que vieram do campo tiveram acesso ao sistema escolar, principalmente as populações de classes baixas. Essa realidade demonstrou que o acesso ao conhecimento era de assunto apenas da elite brasileira.

A Educação do Campo nasce nessa época de mudanças, principalmente como uma forma de expressão dos movimentos sociais que buscavam uma política educacional para comunidades rurais. Ela surge como uma forma de contemplar o lugar de vivência dos alunos, que além de serem espaços de produção de alimentos, são espaços da cultura, da identidade, da política, da economia, etc.

Com o avanço de políticas públicas voltadas para a diminuição das desigualdades sociais nas cidades urbanizadas, houve a possibilidade dos indivíduos de poucas posses assumirem as cadeiras das salas de aulas. Nas zonas rurais esse processo foi ainda mais lento, em que a possibilidade de acesso ao sistema educacional dependia inteiramente dos interesses políticos dos sujeitos das cidades urbanas. A educação do campo só passou a ser pauta dos debates quando os sujeitos do interior passaram a migrar com mais intensidade para as cidades urbanas. Como afirmar Panho (2015);

A educação de forma geral sempre esteve nas constituições brasileiras, porém para a Educação do Campo não era dada atenção especial. Somente a partir do século XX, nas duas primeiras décadas, a mesma passou a ser questionada, devido ao surto de migração interna no país do campo para a cidade, fruto, em partes, do processo de modernização da agricultura e das indústrias situada nas cidades. (Panho, 2015, p. 02)

Não havia possibilidade de perspectivas de crescimento nas comunidades rurais, para os próprios interesses familiares, os jovens eram enviadas as cidades e capitais para estudarem e conseqüentemente um emprego que pudesse contribuir no sustento das famílias no interior.

“O crescimento populacional e o desenvolvimento industrial provocaram alterações na economia e na vida das pessoas, ocasionando debates e provocando modificações na postura dos sujeitos e nos rumos das políticas”. (TAVARES, 2018, p.32). Porém, aqueles que continuaram no campo, permaneceram excluídos do acesso à educação escolar.

No decorrer da história a Educação do Campo sempre foi vinculada ao modelo da educação urbana evidenciando assim as perspectivas e demandas do espaço urbano, indiferente às peculiaridades do processo educativo da zona rural. Esses espaços urbanos recebem a maior atenção e qualidade em educação, assim aqueles que dela desfrutam geralmente possuem condições melhores de vida se comparadas como a realidade do campo. Isso não é uma realidade social nova, mas em todo decurso da História do Brasil esse processo de acesso à educação rural sempre foi precário. Para Leite (1999):

A Educação Rural no Brasil, por motivos sócio culturais, sempre foi relegada a planos inferiores, e teve por retaguarda ideológica o elitismo acentuado do processo educacional aqui instalado pelos jesuítas e a interpretação política ideológica da oligarquia agrária, conhecida popularmente na expressão: ‘gente da roça não carece de estudos. Isto é coisa de gente da cidade’. (LEITE, 1999, p. 8)

Por muitos anos pensava-se que os indivíduos do campo não precisavam da educação, de estudos para realizar funções e/ou trabalhos.

A realidade que produz a Educação do Campo não é nova, mas ela inaugura uma forma de fazer seu enfrentamento. Ao afirmar a luta por políticas públicas que garantam aos trabalhadores do campo o direito à educação, especialmente à escola, e a uma educação que seja *no* e *do* campo, os movimentos sociais interrogam a sociedade brasileira: por que em nossa formação social os camponeses não precisam ter acesso à escola e a propalada universalização da educação básica não inclui os trabalhadores do campo. Uma interrogação que remete à outra: por que em nosso país foi possível, afinal, constituir diferentes mecanismos para impedir a universalização da educação escolar básica, mesmo pensada dentro dos parâmetros das relações sociais capitalistas. (CALDART, 2012, p. 29)

As respostas para tais perguntas não são em sua realidade tão complexas, como se pode imaginar. Desde o início do processo de constituição do Brasil enquanto nação, as elites, e a aristocracia jamais facilitaram o acesso de camadas mais pobres da sociedade a educação, direitos trabalhistas, saúde e etc. É, e sempre foi objetivo da elite brasileira garantir controle sobre os pobres, sobre os camponeses trabalhadores, que eram sua principal fonte de mão de obra barata ou escrava. E, é nesse contexto que está enraizada a equivocada ideia de que pessoas que vivem no meio rural, no campo não precisam de estudos, ou de uma educação de qualidade.

A realidade é que precisa-se bem mais do que se pode superficialmente imaginar, pois há um ambiente cheio de peculiaridades a serem analisadas e compreendidas. O campo possui uma dinâmica social diferente da que existe na cidade, dessa maneira, os conteúdos aplicados na escola precisam ser condizentes com essa realidade, tendo uma conexão direta com o cotidiano daquela região. Isso representa um desafio para o docente, uma vez que se exige consciência do seu papel de mediador na sociedade, mostrando a importância do homem do campo e sua contribuição para a transformação da realidade social. Como afirma Barros (2018):

Esta comunidade precisa que a escola seja do Campo e no Campo, que os processos pedagógicos (as práticas dos professores e trabalhadores da educação em relação a população) atendam as características camponesas e não urbanas. Essa realidade consiste em ter educadores/profissionais do próprio campo. (BARROS, 2018, p. 12)

Nesse viés, Caldart (2007) também afirma que:

Ou seja, a Educação do Campo faz o diálogo com a teoria pedagógica desde a realidade particular dos camponeses, mas preocupada com a educação do conjunto da população trabalhadora do campo e, mais amplamente, com a formação humana. E, sobretudo, trata de construir uma educação *do* povo do campo e não apenas *com* ele, nem muito menos *para* ele². (CALDART, 2007, p.03).

A educação do campo está voltada para os espaços rurais, para alcançar e oferecer educação a indivíduos que socialmente encontram-se em situações desiguais no acesso a políticas públicas básicas da cidadania, que vão muito além da educação, como o acesso a saúde, trabalho, lazer, assistência social, meio ambiente, cultura, moradia e transporte. Assim como Alan Bonfim Barros, Joanita F. Almeida dos Santos (2018) afirma que:

Portanto, a Educação do Campo é uma ação educativa desenvolvida junto aos povos do campo, “incorporando os povos e o espaço da floresta, da pecuária, das minas, da agricultura, os pesqueiros, caiçaras, ribeirinhos e extrativistas” e fundamenta-se nas práticas sociais constitutivas dessas populações: os seus conhecimentos, habilidades, sentimentos, valores, modo de ser e de produzir, de se relacionar com a terra e formas de compartilhar a vida. (SANTOS, 2018, p. 04)

Para autora é necessário incorporar as perspectivas econômicas, políticas, sociais e culturais daqueles que ali vivem aos caminhos educacionais, isso se dá através da relação e do diálogo da escola com a comunidade.

A educação do campo envolve desafios e perspectivas de muitos moradores e profissionais da educação que vivem no campo. A falta de compromisso dentro das políticas públicas referentes à educação rural no Estado é fato recorrente na história do Brasil. Inobstante, os sujeitos do campo escolhidos para serem protagonistas desta análise são cidadãos de direitos que por muito tempo tiveram renegados direitos mínimos, como é o caso da educação. (BARROS, 2018, p. 12)

Nesse sentido, a educação do campo é na sua realidade um desafio um tanto ousado para os agentes educacionais. Afinal, no campo possuem uma serie de peculiaridades que afetam desde ao recurso destinado a educação das Zonas Rurais, até mesmo na motivação dos alunos em estar presente nas escolas. Cabe a educação do campo “oferecer uma educação de qualidade, adequada ao modo de viver, pensar e produzir das populações identificadas com o campo: agricultores, criadores, extrativistas, pescadores, ribeirinhos, caiçaras, seringueiros. (SANTOS, 2018, p. 05)

² Grifo nosso.

Para além de estar presente no campo a educação nesse processo de diálogo com as perspectivas locais, deve sobretudo construir acesso ao saber, ao conhecimento crítico de produção, a autonomia, a qualidade de vida que amplie as possibilidades de vida e trabalho sob a realidade social e cultura do campo. Assim como diz Freire (2000, p. 52) “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua produção ou sua construção”. O docente é responsável de cativar nos discentes a aptidão ao conhecimento, despertando o interesse do aluno com o objetivo de concretizar o processo didático, mas para isso eles precisam que todos os outros aspectos básicos do sistema educacional sejam concretizados, aspectos que muitas das vezes não são efetuados nas zonas rurais, como estabelece a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) no Art. 3º dos Princípios e Fins da Educação Nacional, “ O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; [...] VII - valorização do profissional da educação escolar; [...] X - garantia de padrão de qualidade; e etc.”. (BRASIL, 1996).

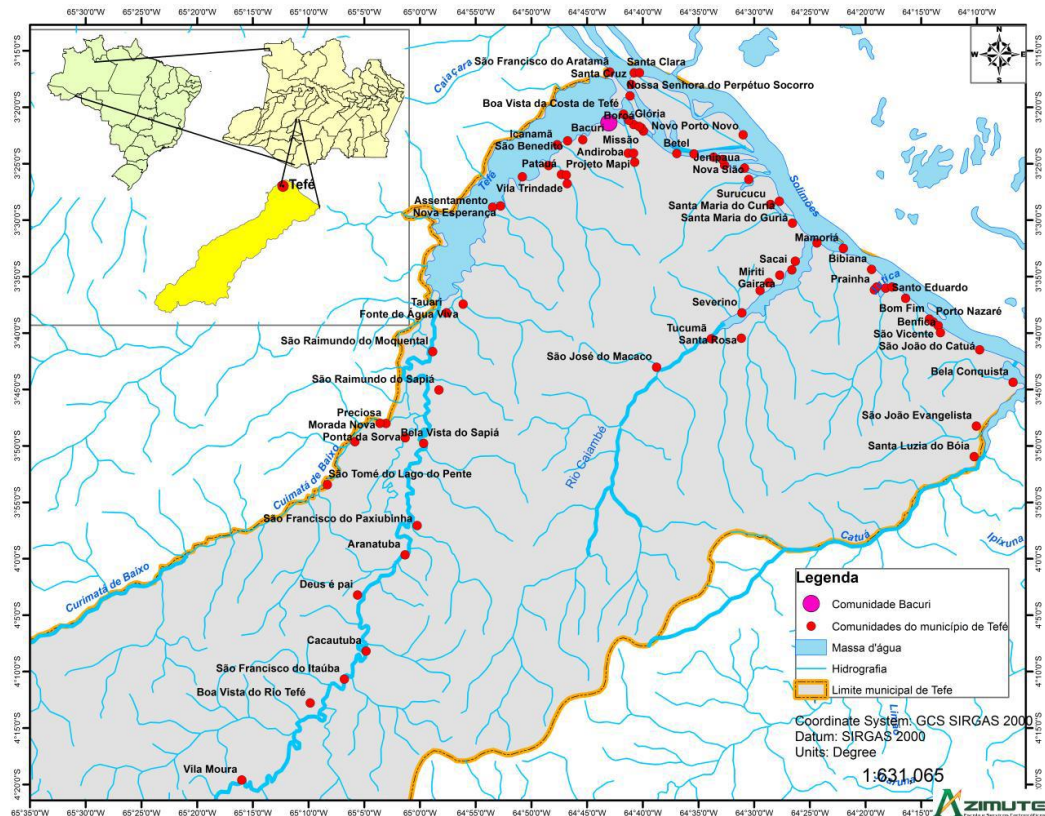
No entanto, para entendermos de fato o que é o processo de ensino-aprendizagem da Educação no Campo, temos que primeiro conhecer a realidade de onde ela acontece, como é o caso da Comunidade do Bom Jesus do Bacuri.

1.1 COMUNIDADE DO BOM JESUS DO BACURI

A educação é considerada o único instrumento de formação de indivíduos pensantes e autônomos, pensando nessa premissa a comunidade do Bom Jesus do Bacuri tem procurado, através da educação, preparar seus comunitários para os desafios propostos pela sociedade.

A comunidade do Bacuri está situada no território do município de Tefé, precisamente na região do médio Solimões, localizada na 2ª Sub-Região – Região do Triângulo Jutai – Solimões – Juruá (figura 1). Possui limites com Coari, Tapauá, Carauari, Alvarães e Maraã, e uma área territorial de 23.705 Km². Dentro do território tefeense há cerca de 89 (oitenta e nove) comunidades, que somam uma população entorno de 15.663 habitantes de acordo com o Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas (IDAM).

Figura 1 – Mapa da localização das Comunidades do lado direito do Lago de Tefé



Fonte: AZIMUTE ESCOLA DE SERVIÇOS CARTOGRÁFICOS apud SILVA, 2016

O município de Tefé está estrategicamente localizado, por ser cidade de intensa circulação de pessoas e de mercadorias. Tefé é assim como em boa parte das cidades do interior do Amazonas, formada e constituída de comunidades tradicionais, seja na cultura, seja na política/economia. Para Queiroz (2015), “apesar de Tefé ser uma cidade de médio porte, urbanizada, a mesma é constituída de populações organizadas em comunidades tradicionais”.

Essas comunidades tradicionais, em específico as comunidades localizadas nos espaços rurais, estão envoltos numa dinâmica econômica baseadas na agricultura familiar, de produção de farinha, plantação de frutas e verduras, pesca, coleta/extração de produtos da floresta amazônica (castanha, dentre outros).

Essas atividades econômicas fazem com que haja uma intensa circulação de bens e mercadoria na cidade de Tefé. Muitos desses produtos regionais são produzidos nessas comunidades rurais, e circulados no centro urbano de Tefé e demais regiões.

A comunidade do Bacuri assim como as comunidades de Turé, Nova Jerusalém, Icanamã, São Benedito, São José Madureira, Nova Esperança, Ipacucu, Curupira e outras localidades isoladas, são comunidades que se formaram a partir da ocupação de famílias rurais

na década de 1960 e 1970, atraídas pela “ grande quantidade de castanheiras nativas na região e a proximidade com o município de Tefé, sede de serviços públicos, foram fatores de atração de muitas famílias que buscavam residir em um lugar que tivesse escola para os filhos.” (SANTOS, 2018, p .27).

A escolha da região é sobretudo para a possibilidade de extração de castanha, atividade que era vista como promissora, sobretudo para famílias que em parte migravam de outros estados, como Maranhão e Ceará.

O processo de formação da comunidade do Bacuri é inicialmente dado pela família de Luiz da Costa Pinheiro, que assentou-se na região tomando posse das terras. Sendo um dos “primeiros moradores” que se é possível ter registros. De acordo com Santos (2018) em sua obra:

A origem e formação da comunidade Bacuri assenta sua história oficial na memória da família de Luiz da Costa Pinheiro. Luís era morador da região do Lago de Tefé-AM, que, na memória coletiva local, iniciou a ocupação da localidade. Luiz Pinheiro era casado com D. Lorença e ambos moravam no território que atualmente compreende a comunidade, com cinco filhas e um filho. Viviam basicamente do extrativismo, da roça e criação de animais, quando, por volta de 1917, chegou à região o Sr. Brígido Franklin Rodrigues, acompanhado de um pequeno grupo de trabalhadores, visavam a tomar posse de terras onde pudessem trabalhar. (SANTOS, 2018, p.30)

Assim, a partir da chegada de um outro morador, o Sr. Brígido Franklin Rodrigues, e pela compra de terras de Luiz Pinheiro, é que ocorre um povoamento dessa região. Pois o Sr. Brígido Franklin Rodrigues acabou por conceder terras a trabalhadores atraídos pela possibilidade de extrair castanha. Desse modo, “A população inicial da pequena localidade foi se constituindo de familiares, baseando sua atividade econômica no extrativismo e na agricultura de subsistência”. (IDEM, 2018, p. 34).

A partir da década de 1970 se inicia o processo de organização social comunitária, deixando de ser uma “localidade” para se tornar uma comunidade, fomentadas pelo Movimento de Educação de Base (MEB). Organização financiada pelo governo e ligada à igreja católica, para desenvolver um programa de educação de base por meio de programas de transmissão via rádio. Foi quem impulsionou a formação da comunidade, da organização comunitária, em ambientes que a partir de então passariam a ter capelas, centros comunitários, áreas de desenvolvimento de lazer (campos de futebol) e casas comunitárias.

Vale a pena ressaltar que no mesmo período de 1960 a 1970, se dava a organização do espaço urbano da cidade de Tefé, as transformações do meio urbano aconteciam de forma

simultânea, o que difere ambos processos, é que nesse processo de organização social, Bom Jesus do Bacuri estava se constituindo enquanto comunidade, e o espaço urbano estava organizando-se para constituição de requisitos básicos de uma estrutura urbana. Como afirma Esperança (2018):

A maioria dos bairros atuais da cidade formaram-se no final dos anos de 1960 e início dos anos 1970, principalmente constituídos de pessoas oriundas de áreas distantes do interior do Estado do Amazonas e que fugiam das adversidades de seus locais de origem. A cidade cresceu, bairros, quarteirões, casas, disputando espaço de maneira desordenada e contanto com pouca estrutura por parte do poder público, seja na coleta de lixo, limpeza de ruas, fornecimento de água ou energia elétrica. (ESPERANÇA, p.16)

Logo, a comunidade estruturava-se partir de uma representação oficial composta de presidente, tesoureiro, conselho fiscal e líderes comunitários, tais como: monitor, catequista, agente de saúde, líder de futebol, líder da organização de mutirões para a implantação de serviços comunitários. Todos esses parâmetros de organização social comunitária, permitiam manter determinados grupos familiares em uma só área, evitavam que as famílias se dispersassem e construíssem moradias distantes da área central da comunidade, assim permitindo mais facilidade de acesso, sobretudo quando se necessário inserir programas sociais, projetos e políticas públicas, que envolviam tanto o governo local quanto as igrejas.

A comunidade do Bacuri, (figura 2) a partir desta década organizou-se e solidificou-se com estruturas básicas que eram vistas em demais comunidades consolidadas no Amazonas, como Escola, Centro Comunitário, Moradias e Igreja. No entanto, Bacuri trouxe alguns diferenciais, como a Associação Agroextrativista Comunitária do Bacuri (ASACOMB) que foi criada com intuito de organizar e melhorar o rendimento do trabalho extrativista dos comunitários. Ainda na figura 2, é possível analisarmos o singelo ambiente que é a comunidade, uma realidade oposta ao espaço urbano de Tefé, tanto de estruturas quanto de práticas cotidianas.

Figura 2 - Frente da Comunidade do Bacuri



Fonte: ROCHA, 2022

Assim como na maioria das demais comunidades rurais, o “coração” de uma comunidade é construído por uma escola, igreja, centro comunitário e algumas casas de moradores mais antigos. Diferente do que foi proposto no início da formação da comunidade do Bacuri, que limitava os espaços de construção de moradias, atualmente a comunidade tem um amplo espaço de casas, ao qual estão espalhadas ao longo do lago que banha a comunidade, de certa forma foi-se criando estruturas de ruas para possibilitar acesso as demais residências.

Figura 3 - Ruas de grama



Fonte: ROCHA, 2022

As ruas de gramas (figura 3), é uma característica singular das comunidades rurais, no qual as mesmas não recebem o tipo de material que é utilizado para pavimentar as vielas das grandes cidades, o que torna as ruas de grama uma especialidade do interior, em que esses espaços também são usados pelos animais domésticos e selvagens de trafegarem pela comunidade. Nas laterais das ruas de grama temos as residências dos moradores, são em sua maioria construídas com material encontrado na região da comunidade, os diferentes tipos de madeiras, seguidas pelas casas mistas (madeira e alvenaria), e poucas residências de alvenaria.

No Bacuri, assim como nas comunidades próximas, a dinâmica social é simples e pacata, o trabalho de muitos se dá através de plantios de frutas e verduras, da produção de farinha de mandioca, pesca, e principalmente do extrativismo, dentre outras atividades comerciais.

1.2 A ESCOLA MUNICIPAL DO BOM JESUS DO BACURI

Como dito anteriormente, a comunidade do Bom Jesus do Bacuri tem a escola como um dos principais alicerces da comunidade. A Escola Municipal Bom Jesus (figura 4) está localizada na margem esquerda do Lago de Tefé na comunidade Bom Jesus do Bacuri. Criada em 05 de agosto de 1981, sob o mandato do prefeito Hélio Bezerra Bessa, a escola tem recebido não somente alunos da comunidade do Bacuri, mas também da comunidade do São Sebastião do Turé, Nova Jerusalém, Icanamã, São Benedito, São José do Madureira, Nova Esperança, Santo Antônio do Ipacucu, Santa Luzia do Curupira, dentre outras comunidades localizadas dentro do lago de Tefé (figura 1).

Mesmo com uma variedade de alunos de outros locais, é importante ressaltar que eles compartilham da mesma realidade, uma vez que as comunidades ribeirinhas vivem vidas parecidas, por serem de um ambiente rural e de escasso acesso a recursos materiais e tecnológicos.

Figura 4 - Escola Municipal Bom Jesus

Fonte: ROCHA, 2022

Essa realidade é exposta no Relatório Situacional da Escola³ afirmando que “a maioria dos alunos recebidos na Escola são formado por filhos de família de baixa renda, muitas vezes sem empregos formais, pais analfabetos, moradias sem saneamento básico adequado e pouco acesso aos bens de consumo, como telefone, internet, entre outros” (RELATÓRIO SITUACIONAL, 2021). Nesse sentido a escola é o local no campo que os alunos mais têm acesso aos benefícios que pouco é visto em suas residências, uma vez que no espaço da escola eles podem obter tanto o conhecimento técnico e metodológico, como também podem reconhecer as similaridades e disparidades das informações com as suas realidades.

De acordo com o Histórico da Escola Municipal do Bom Jesus, antes que houvesse uma Escola na comunidade, já existiam aulas. Desde de 1964 as aulas eram realizadas nas casas dos próprios comunitários que moravam no Bacuri, tendo baixíssimo alcance de alunos, excluindo indivíduos de outras comunidades, que somente em 1981 passaram a frequentar a escola já construída e estruturada. No ano de 2021, a Escola Municipal do Bom Jesus obteve um total de 228 alunos matriculados, ao qual a escola além diferentes modalidades de ensino, como Maternal, Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II, Educação de Jovens e Adultos (EJA) e Educação Especial. Que se organizam nos três turnos: matutino, vespertino e noturno.

³ Relatório produzido pela escola

Uma realidade educacional muito distante daquela em 1964, sem deixar esquecer que as aulas improvisadas em ambientes improvisados eram de certo modo “*o que dava para fazer*”, como poucos alunos e quase nenhum recurso pedagógico. Se comparadas a quantidade de alunos matriculados no ano de 2021 há uma grande diferença, um aumento significativo de alunos, porém não o suficiente. Uma vez que em 57 anos de aulas, e 17 anos que a escola oferece educação a quantidade a alunos não atende suficientemente a demanda e a realidade das comunidades, tanto do Bacuri, quanto das demais.

Atualmente, a Escola possui uma infraestrutura mista (parte de madeira e alvenaria) com uma área verde e uma horta. Na escola possui 7 (sete) salas de aulas, 1 (uma) que é dividida com a secretária, professores, gestor e pedagogos, 1 (uma) sala de recursos multifuncionais para Atendimento Educacional Especializado (AEE), 1 (uma) cozinha com refeitório, 1 (uma) dispensa, 3 (três) banheiros. O corpo de funcionários possui uma equipe de 18 (dezoito) professores, 2 (dois) pedagogos, 4 (quatro) serviços gerais, 3 (três) merendeiras, 1 (um) técnico administrativo e 2 (dois) vigias, ou seja, um total de 30 (trinta) funcionários.

Em sua estrutura a escola se divide em 2 (duas) casas de madeira com pouco espaço criativo, além das duas estruturas ela possui também um ginásio poliesportivo coberto, ao qual foi construído nos últimos anos de funcionamento da escola. Vale salientar que essa estrutura física da escola encontra-se em um estado precário, uma vez que ao entrar na casa já nos deparamos com a madeira deteriorada por cupins, janelas sem o mínimo de segurança, pois se encontra quebradas, o telhado com várias goteiras, ao qual em dias de chuva prejudica a continuidade das aulas. No entanto, existe um projeto em andamento para a construção de uma nova sede para a escola, com espaço amplo e confortável.

1.2.1 A ESPERANÇA DE UMA NOVA SEDE

A construção da nova sede da escola foi iniciada no ano de 2011, pelo então prefeito Jucimar Veloso, as obras continuaram até o ano 2014 no mandato do prefeito Antenor Paz Barbosa. Desde então as obras não deram mais continuidade, e encontram-se abandonadas desde de 2011, corroídas pelo tempo, e tomada pela natureza (figura 5).

Figura 5 - Obra inacabada da nova sede da Escola Municipal Bom Jesus



Fonte: ROCHA, 2022

Ao pensarmos a situação que se encontra atual escola é mais que necessário que a obra da nova sede seja finalizada, pois o atraso na entrega da obra finalizada compromete o trabalho da Educação no Campo da comunidade do Bacuri e demais localidades. Na figura 5, acima destacada, é possível localizarmos a professora Francisca Jeane da Monteiro Rocha e do comunitário Sr. Marco Antônio da Silva, com o olhar para a construção de esperança e frustração, sentimentos que foram expressados em palavras por eles mesmo no momento em que foi retirada a fotografia.

Esperança de um dia obra ser finalizada, e de como isto, afetaria a realidade de muitas famílias das comunidades que necessitam da escola, que anseiam por uma educação de qualidade, por uma estrutura escolar melhor para seus filhos. E a frustração pela demora do poder municipal em finalizar as obras, deixadas a mercê da destruição, é notável o descaso que as políticas públicas tem com os ambientes rurais. Uma obra que encontrasse paralisada há mais de 10 anos, mesmo com a passagem de vários governos municipais e que nada fez para finalizar a obra. Implicando da ação do tempo, e da natureza tomar de conta de todo o local, em toda obra nada mais está acessível, senão o ginásio, pois o mesmo já é utilizado pela escola.

Figura 6 - Ginásio Poliesportivo da Escola Municipal Bom Jesus



Fonte: ROCHA, 2022

O único ambiente na nova sede da escola no Bacuri a ser utilizada é o ginásio (figura 6), local em que ocorrem as aulas de educação física e alguns eventos importantes da escola, bem como eventos da própria comunidade. Ao longo do tempo, o ginásio se tornou o principal ponto de lazer da comunidade, em que se utilizam para atividades esportivas que envolvem os comunitários do Bacuri e de outros locais.

Para além desta infeliz realidade, a Escola Municipal do Bom Jesus, juntamente com seu corpo docente e a comunidade fazem o que podem para dar continuidade as atividades educacionais, mesmo como os empecilhos e dificuldades imposta pelo ambiente e governo local. Estes ainda continuam lutando para oferecer educação para essa localidade, assim utilizado da dinâmica, das possibilidades e dos recursos existentes no Campo.

CAPITULO 2

2 O PROFESSOR DO CAMPO

A educação do campo possui muitos desafios a serem trabalhados e superados, assim por dizer, trata-se de um ambiente complexo. A realidade da educação em comunidades rurais precisa sempre de uma adequação a dinâmica cultural, social, econômica e política do ambiente em que a escola está situada, ou seja, o conteúdo que vem da cidade urbana precisa ser adaptado para a realidade dos alunos que vivem no interior.

Para o docente, professor do campo, essas dinâmicas precisam estar o mais próximo possível da realidade da comunidade. Em outras palavras faz se necessário que o docente esteja envolvido com a comunidade, na escola e fora dela, é preciso dialogar com as pessoas que ali vivem, e em casos de comunidades distantes em que os professores tem que morar na comunidade, além do diálogo é necessário aprender a conviver no campo, dessa forma o professor se torna parte da comunidade e poderá trabalhar de forma com condizente com os tramites da escola rural.

Para Caldart (2007):

Os sujeitos que trabalham e vivem do campo e seus processos de formação pelo trabalho, pela produção de cultura, pelas lutas sociais, não têm entrado como parâmetros na construção da teoria pedagógica e muitas vezes são tratados de modo preconceituoso, discriminatório. A realidade destes sujeitos não costuma ser considerada quando se projeta um desenho de escola (CALDART, 2007, p. 3).

Conforme a afirmação da autora, a educação do campo vai muito além do parâmetro educacional de escolas rurais. Criando assim uma tríade campo- política pública-educação, que devem ser sempre analisadas e compreendidas juntas, a realidade da educação do Campo não pode separar essas características primordiais. Ou seja, a comunidade, as políticas públicas e escola, ambos personagens, ambos aspectos devem estar juntos. Para a atuação do docente na escola, este deve ter em mente a existência dessa tríade, afinal sua atuação irá depender de como a tríade funciona, já que o êxito da Educação no Campo dependente dessa realidade intrincada.

Trabalhar no campo requer um “jogo de cintura”⁴, e é preciso lidar com as dificuldades e limites que a educação do campo possui, a carência de materiais didático e pedagógicos que muitas vezes faltam ou que não tem nas escolas rurais, sem contar com a precariedade das estruturas físicas que se encontram a maioria gritante das escolas nas comunidades rurais do município de Tefé. Nesse sentido, o trabalho o professor do campo engloba um conjunto de dificuldades, que vão muito além do ambiente de ensino.

⁴ Ter jogo de cintura é ser flexível para adaptar-se em diversas situações, especialmente naquelas que não são muito boas.

Partindo desse pressuposto, para entendermos as dificuldades e as experiências de vida do Professor do Campo, fizemos uso de uma abordagem metodológica, com uma pesquisa qualitativa, que consiste em determinar as propriedades ou as características da realidade estudada, ao qual com o uso dessa metodologia aplicamos questionários a 12 professores da Escola Municipal Bom Jesus, e partir da análise desse questionário foi possível levantarmos um perfil sobre o Professor do Campo da comunidade do Bacuri com seus desafios e motivações, e que será apresentado nos próximos tópicos.

2.1 PESQUISA DE CAMPO

Antes de discutir ou analisar a realidade, dificuldades e desafios da educação do campo, faz-se necessário identificar qual é de fato o perfil do professor do campo. Como os mesmos se definem? Como se veem perante a sociedade? Esse é de fato os questionamentos que acompanharam esta pesquisa, no entanto para chegarmos a qualquer conclusão foi preciso irmos a campo pesquisar a vida profissional dos indivíduos responsáveis pela a Educação no Campo da comunidade do Bacuri.

Os professores da Escola Municipal Bom Jesus do Bacuri, travam diariamente desafios na educação do campo, pois ensinar em um ambiente cujo recursos são limitados é de fato prejudicial para o desenvolvimento do ensino-aprendizagem. Como pudemos observar nas nossas idas a comunidade Bom Jesus do Bacuri, ao qual nos proporcionou uma conversa com 12 docentes da escola, e que dessa conversa eles se propuseram responder um questionário nos relatando um pouco das suas experiências e motivações de trabalhar na zona rural.

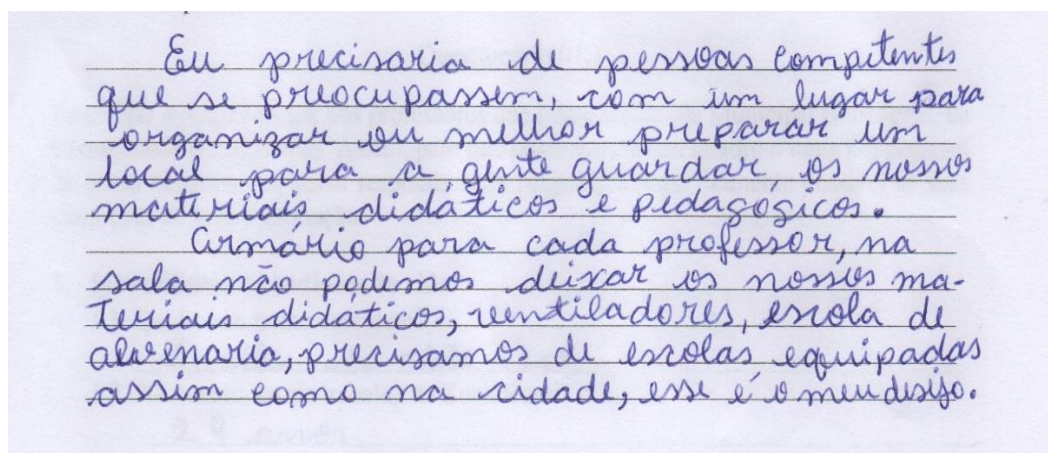
Vale ressaltar que o período para realizar a pesquisa de campo se tornou restringida, pois a mesma ocorreu durante o ano de 2021 e o mesmo ainda enfrentava os números elevados dos casos de COVID-19, e esse fato impossibilitou o acesso a comunidade e com isso o acesso aos professores. O ensino remoto foi a ferramenta adotada pelos conselhos de educação municipal e estadual para manter tentar manter as aulas ocorrendo, no entanto esse sistema não funcionou de forma eficaz nas regiões afastadas dos centros urbanos, pois as mesmas não recebem sinal de telefonia e com isso nenhum sinal de internet, logo os professores tiveram que recorrer em ir entregar apenas apostilas e roteiros de estudos para os alunos estudarem em casa. O retorno das atividades de fato ocorreu no ano de 2022, e com isso foi possível realizar as entrevistas com os professores e conhecer melhor as estruturas físicas da Educação no Campo.

2.2 A REALIDADE DO EDUCADOR DO CAMPO

A identidade do educador do campo está intrinsicamente relacionada as suas práticas pedagógicas, em que a identidade do educador vai sendo construída no decorrer de sua vida e como ele maneja o conhecimento que é passado aos alunos.

Partindo dessa premissa, ao questionamos os educadores entrevistados podemos perceber que existem situações que impedem os educadores de realizarem as suas práticas pedagógicas com eficiência. Como afirma um dos entrevistados:

Figura 7 - Recorte do Questionário



Fonte: ROCHA, 2022

Logo, há uma demanda de espaço físico que impede que o educador realize com eficácia a Educação de Campo, uma vez que a própria LDB garante por lei que o Estado deve garantir um “padrão de qualidade do ensino” e esse padrão perpassa pela qualidade de vida e trabalho do educador.

A condição de trabalho do educador deve ser levada em consideração quando falamos do educador do campo. Em nossa pesquisa foi perceptível um número alto de docente que já passou por situações de perigo para chegar na comunidade que trabalha. Os 12 entrevistados relataram situações de perigos, como consta no relato de um dos entrevistados que diz “os temporais e o vento são os nossos vilões durante a ida e a volta do trabalho na comunidade. O banheiro fica muito forte durante a ventania, isso pode levar a catraia⁵ a virar e os professores se alagarem e chegar até a morte num afogamento”.

É interessante que mesmo com essas situações de perigo, temos um número representativo de entrevistados trabalhando há anos na zona rural (tabela 1), que muitas das vezes acreditam-se que os mesmos poderiam desistir no primeiro empecilho que aparecesse.

⁵ Catraia é uma embarcação de pouco calado, movida a remo ou motor de rabeta, que se emprega no transporte de passageiros, e que é geralmente manobrada por uma só pessoa.

Entrevistado 1	Entrevistado 2	Entrevistado 3	Entrevistado 4	Entrevistado 5	Entrevistado 6
29 anos	7 anos	12 anos	1 ano	3 anos	6 anos
Entrevistado 7	Entrevistado 8	Entrevistado 9	Entrevistado 10	Entrevistado 11	Entrevistado 12
6 anos	9 anos	7 anos	7 anos	7 anos	8 meses

Fonte: ROCHA, 2022

Essa dedicação à Educação do Campo pode ser entendida como uma forma de se assumir parte da comunidade, pois “para que a escola no campo se torne cada vez mais do Campo, se faz necessário reconhecer que a mesma pertence ao lugar, sendo essencial uma aproximação com a comunidade local”. (PANHO, 2015, p. 7)

O fato de trabalhar a Educação do Campo no campo nos leva a indagar se os docentes que trabalham com o tema já conheciam o conceito antes de ir a comunidade rural. Ao perguntarmos sobre essa questão obtivemos tal resposta:

SIM	NÃO
3	9

Fonte: ROCHA, 2022

Dos 12 entrevistados (tabela 2) 9 afirmaram não conhecer o conceito e 3 responderam que sim, com base nessas respostas existe a possibilidade dos docentes trabalharem o conceito sem ao menos entender do que se trata, ao qual impossibilita a proposta da Educação do Campo, que busca grandes resultados quando há a formação do educador do campo vai além do âmbito individual, em um contexto mais amplo na qual não se pode privilegiar as matérias e os conteúdos curriculares. (PANHO, 2015, p. 9)

O resultado é um tanto preocupante, os professores acabaram por adentrar no trabalho rural sem, em certo modo, um referencial teórico sobre a área. Estes, quando questionados quais os motivos pelos quais não buscaram estudar a respeito da educação do campo, a resposta é quase a mesma, de que há pouco tempo para estudar, já que o trabalho na comunidade acaba se tornando exaustivo, seja pela travessia, seja pela estrutura escolar que não possibilita conforto aos professores.

Outro fato que pode ter influenciado ao não conhecimento do conceito de Educação do Campo é a falta da atualização dos conhecimentos acadêmicos, visto que existem educadores que após se formarem em suas graduações não procuram uma especialização, e com isso ficam

restritos apenas as informações aprendidas durante a graduação, e o conceito ganhou destaque nas salas de aulas das graduações nos últimos anos. Dito isto, indagamos o grau de instrução dos entrevistados, em que:

Tabela 3 - Nível Acadêmico				
Graduação	Especialização	Mestrado	Doutorado	Pós Doutorado
1	11	0	0	0

Fonte: ROCHA, 2022

A maioria dos professores possuem apenas especialização, no total de 12 professores, destes apenas 1 não informou. Nesse caso, a dinâmica do campo dificulta muito aos professores que precisam estudar, ou se aperfeiçoar profissionalmente. Essa realidade é ainda mais precária se comparada ao contexto de outros professores que trabalham em comunidades mais distante da cidade, muitos passam um mês quase completo em comunidades sem acesso à internet, e sem contato total com a cidade, nesse caso fazer uma qualificação, especialização é quase impossível.

De modo geral, a maioria dos professores que atuam na educação do campo fazem especialização em instituições privadas, em modalidade Ensino a Distância (EAD). Assim como na Escola Municipal Bom Jesus do Bacuri, essa realidade da formação dos professores é encontrada nas demais escolas rurais. A maioria dos profissionais atuam apenas com a especialização, há pouquíssimo apoio de políticas públicas para auxiliar os professores das comunidades rurais a realizarem pós-graduação, mestrado e doutorado.

Outro fato interessante que pode nos encaminhar ao entendimento sobre a realidade dos educadores da comunidade do Bacuri, é o fator de alguns educadores já se propuseram a trabalhar com outras áreas distintas das que são formados. Como é demonstrado na tabela 4 a seguir:

Tabela 4 – Trabalho em outra área distinta da formação	
SIM	NÃO
7	5

Fonte: ROCHA, 2022

É extremamente “comum” nas regiões mais distantes dos centros urbanos um professor ser formado em uma área específica e atuar em outra, ou até mesmo só atuar em outra área diferente daquela de sua formação. Nas escolas rurais no município de Tefé é comumente visto um professor ser formado em letras, por exemplo, ir atuar como professor de matemática. Ao qual, essa dinâmica prejudica extremamente o desenvolvimento do ensino-aprendizagem dos alunos, visto que o professor não conseguirá trabalhar todos os conteúdos adequados da disciplina, pois o mesmo não se formou na área.

É sempre preciso que haja cautela, e compromisso com a educação, isso deve sempre vir em primeiro lugar, afinal o trabalho do profissional docente é lida diretamente com o futuro dos alunos, em que um não aprendizado irá prejudicar a trajetória escolar do aluno. E ações como estas só tornam cada vez mais difícil a qualidade da educação.

Em contra a partida do impacto que a atuação em outras áreas diferentes da formação do professor, há um ponto que não pode passar despercebido nesse processo: a possibilidade do professor ficar desempregado. 94% dos professores da Escola Municipal Bom Jesus do Bacuri possuem família, parentes e filhos para sustentarem, há um peso a ser levado em conta, qualquer professor em sua consciência não optaria por ficar desempregado ou invés de trabalhar em uma área diferente da que foi formado.

Com base nos aspectos e fatores discutidos acima é possível compreender que a educação do campo é tão complexa, que a cada realidade de uma escola específica há um perfil de Professor do Campo, que a cada escola, cada comunidade molda e define esse perfil. Assim na Escola Municipal Rural Bom Jesus do Bacuri, o perfil dos professores é de profissionais que atuam por muitos anos em comunidades distantes, que possuem apenas especialização, e que anualmente participam da seletiva do município e do estado.

Esses educadores ao longo dos anos constituem uma identidade de um profissional do campo, como aquele que trava batalhas diárias para ensinar/educar. É de fato um trabalho executado com honra, afinal esses profissionais passam por perigos e dificuldades para oferecer o conhecimento aos moradores das comunidades rurais de dentro do Lago de Tefé.

2.3 DESAFIOS E MOTIVAÇÕES

Como já foi dito neste capítulo, a educação do campo é extremamente desafiadora e requer que os professores tenham um jogo de cintura para lidar diariamente com as batalhas do ensino-aprendizagem na educação do campo. Esse processo de ensinar, requer uma dinâmica que em sua realidade é difícil e perigosa. A dificuldade não está somente no ambiente do campo, ou na precária estrutura escolar, ou muito menos nos limites de execução de práticas pedagógicas eficazes.

O processo de deslocamento da cidade até a comunidade, a presença na comunidade e o retorno até a cidade é de fato a parte mais desafiadora e perigosa do trabalho dos docentes do campo.

Antes de adentrar na canoa, bote, ou na lancha, os professores gastam horas de seu tempo de descanso para produzir e elaborar suas aulas e seus materiais pedagógicos, todo esse

trabalho é feito durante a noite ou em finais de semana, para então na próxima dia útil/letivo seguir para o deslocamento até a comunidade.

Com os professores da Escola Municipal Rural Bom Jesus do Bacuri, o transporte é comumente feito de canoa pela parte da manhã, no horário que varia entre 05:30 e 06:00, os professores se reúnem em um pequeno porto as margens do lago de Tefé, entre as casas amontoadas, ao lado do antigo porto do MG, para embarcarem rumo a comunidade do Bacuri (figura 8).

Figura 8 – Local de embarque dos Professores



Fonte: ROCHA, 2022

Esse não é o único transporte disponível, há também uma série de lanchas e catraias que fazem rota e transporte para o Bacuri. É claro com preços diferentes, e com horários diferentes. Ainda assim maioria dos professores optam pelo transporte coletivo de professores, em que há uma cooperação específica por dia, como catraieiro e gasolina. O que facilita os custos nas viagens diárias a comunidade, ou seja, fica mais barato seguir com os demais professores no transporte coletivo.

Custos com transporte e gasolina fazem parte dos gastos mensais de todos professores do Bacuri, com um valor considerável, ainda mais com os constantes aumento do preço da gasolina. Seguindo esse processo, quando todos professores já embarcaram na canoa, há um perigo ainda mais eminente: as ondas, ventos e banzeiros no lago.

Como vimos anteriormente, essa é de fato a parte mais perigosa e complicada de dar aulas na comunidade do Bacuri. Pois nesse caso, o risco é de afogamentos e em casos não tão extremos até mesmo de perder a vida.

Dentro da canoa se inicia a viagem dos professores até a comunidade do Bacuri, estando todos dentro dela, a viagem acaba se tornando um momento de conversa entre os professores, com assuntos mais variados possíveis, numa tentativa de distração, para passar o tempo (figura 9).

Figura 9 - Locomoção dos professores até Bacuri



Fonte: ROCHA, 2022

O lago de Tefé assim como os demais lagos no estado do Amazonas é bem perigoso, pelos temporais e banzeiros serem mais intensos que nos rios. Por ser uma água parcialmente parada quando há ventanias e temporais, as ondas que se forma são mais altas e fortes. Assim, os perigos das viagens no lago de Tefé geram um perigo real. Pois, dependendo do tamanho da canoa e do volume presente dentro dela, uma ventania leve no meio do lago poder fazer afundar uma canoa.

No ano de 2020 houve um caso de alagamento nas proximidades da comunidade do Bacuri, em que dois professores da Escola Bom Jesus do Bacuri, e uma aluna do ensino fundamental saíram à tarde por volta das 17:00 horas da tarde em direção a cidade de Tefé. Segundo relatos dos próprios comunitários, não havia um temporal, ou chuva eminente, a única evidencia ou possibilidade de perigo era o céu levemente azul marinho na direção da cidade de

Tefé. Mesmo assim os dois professores e a aluna seguiram viagem, sem esperar formou-se um temporal e a canoa alagou com as fortes ondas. Dois professores morreram naquele dia, apenas a aluna conseguiu sobreviver chegando a margem do lado. É um pesar pelas vidas perdidas. Sobretudo de colegas de trabalho que passaram por tantas dificuldades para poder ensinar e contribuir para a formação de tantos jovens, é um fato triste e lamentável.

Todos os dias esses profissionais correm esses mesmos riscos, e ainda assim não desistem do trabalho, enfrentam as tempestades e os temporais para ensinar e também retirem seus sustentos. Em entrevista abertas/livre foi perguntado se não havia medo de alagamento por parte dos professores no deslocamento da cidade-comunidade-cidade. A resposta foi simples, todos têm medo de se alagarem ou até mesmo morrem, mas de certo modo não tem muita escolha, afinal faz parte do trabalho, não deveria, mas faz parte.

A educação no interior do Amazonas é um desafio que depende de inúmeros aspectos, dos políticos/sociais aos ambientais. Não sendo suficiente para educação do campo no interior do Amazonas, sofrer com a carência de recursos e de políticas públicas, as comunidades sofrem com as mudanças ambientais, sobretudo durante os períodos de cheia e seca.

As comunidades se organizam conforme as peculiaridades da região, há então vários calendários que se distribuem conforme a localização e atuação das comunidades pertencentes ao território de Tefé. De acordo com o Artigo 23 da LDB “o calendário escolar deverá adequar-se às peculiaridades locais, inclusive climáticas e econômicas, critério do respectivo sistema de ensino, sem com isso reduzir o número de horas letivas previste nesta Lei”. (BRASIL, 2009).

A comunidade do Bacuri, assim como boa parte das comunidades do lago de Tefé, utilizam o calendário da seca. Devido as dificuldades de descolamento de Tefé a comunidade, pois dependendo da intensidade da seca, no lago não passa nenhum tipo de embarcação. Assim, dificultando a travessia dos professores, e dobrando os riscos de contato com animais silvestres, como arrais, cobras e dentre outros, pois parte do trajeto se faz a pé, visto que a embarcação não passa.

Apesar de todos os desafios ainda há perguntas que precisam de respostas. Com todas as dificuldades existentes no trabalho do campo, por qual razão esses profissionais docentes continuam a trabalhar em comunidades rurais? O que os motiva?

Essa resposta é um tanto complexa, afinal depende de vários contextos e da situação específica de cada profissional. Há a questão do valor do salário do professor na zona rural, a questão do amor a profissão, dentre outros.

Em relação a motivação, com base do valor do salário é a mais comum e mais falada entre os professores. O salário dos profissionais do campo é maior que os que atuam na zona

urbana. O salário dos professores da zona rural é 2.165,00 reais, de apenas uma cadeira, valor extraído das entrevistas realizadas com os professores. Tudo isso devido aos custos que é atuar em comunidades rurais, sobretudo para aquelas distantes da cidade de Tefé. Mesmo com todos os custos de estar atuando no campo gera, o salário ainda compensa mais que ficar ministrando aula na cidade.

Outro ponto que não deve ser esquecido, é que a oportunidade de trabalhar em comunidade rurais é maior do que na zona urbana, conseguir uma vaga na cidade é extremamente difícil. A concorrência é de longe maior que nas comunidades, a maioria dos professores que atuam nas zonas urbanas tem em média 10 anos de atuação na educação, sem contar os cursos de pós-graduação, uma realidade diferente dos profissionais que atuam nas comunidades rurais.

Logo, a educação do campo possibilita mais oportunidade de emprego para professores, ainda mais para aqueles que são recentemente formados, ou até mesmo aos que estão em períodos finais da graduação. São nas zonas rurais que esses profissionais vão adentrar no mundo educacional.

Além da questão salarial, não é somente pelo dinheiro que o profissional da educação se move. Muitos passam anos atuando no campo, e muitos optam por continuar dando aula na zona rural, por amor a profissão e pela satisfação que é ensinar as pessoas do interior.

O ato de educar não é simples, é árduo, é contínuo e trabalhoso, e quando os profissionais docentes expressam amor no que fazem geram inúmeros impactos. Reflete na educação, na relação aluno-professor, geram resultados que mais tarde vão ser observados por eles mesmos. A partir das entrevistas com os professores do Bacuri foi possível observar, a satisfação e o sentimento de orgulho em ensinar, isso é presente em todos.

Por trás do desafio, ainda há um sorriso! Entrevistei duas professoras da comunidade do Bom Jesus do Bacuri no trajeto de volta a cidade de Tefé, a senhora Francisca Jeane da Monteiro Rocha e senhora Renier da Silva Rodrigues, após a entrevista percebi um sorriso no rosto das professoras, e indaguei o motivo das professoras ainda continuavam a trabalhar com a educação do campo, sendo que elas tinham oportunidade de trabalhar na cidade de Tefé.

A primeira a reagir foi a senhora Francisca Jeane da Monteiro Rocha, que com um sorriso respondeu: *“ah minha filha, se eu não tivesse sido aluna de alguém talvez eu não daria tanto valor ao meu próprio trabalho, todo mundo precisa passar por um professor para ser alguém na vida, e disso pode ter certeza que eu me orgulho de ser! ”*.

Muitos dos professores dizem que o auge da satisfação é educar/ensinar um aluno e mais tarde se deparar com o mesmo em uma profissão socialmente boa. Sobretudo em ouvir dos ex-alunos elogios, e agradecimentos pela educação oferecida pelo professor.

E essa é a principal motivação dos professores da comunidade do Bom Jesus do Bacuri, ver que seus esforços possibilitaram resultados e a gratificação vem através do sucesso de seus alunos, principalmente quando vão para as cidades urbanas, e passam nos vestibulares e exames educacionais demonstrando o anseio por continuar estudando.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em todo o processo de elaboração deste trabalho de conclusão de curso, não houve um momento se quer sem pensar que a realidade do professor do campo é a realidade da educação no Amazonas. A flexibilidade que o professor tem para lidar com as adversidades é uma pauta que deve ser pesquisada, analisada e compreendida.

O lugar de fala desses profissionais é de extrema importância para as pesquisas sobre a Educação do Campo. Afinal, por mais dedicado que seja o pesquisador, e por mais que o mesmo esteja envolvido nessa realidade, ainda não é suficiente para expressar as complexas relações professor-comunidade-educação no campo.

Assim como afirma Freire (1974), “quando o homem compreende a sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e o seu trabalho pode criar um mundo próprio, seu Eu e as suas circunstâncias”, ou seja, compreender a realidade deve primeiramente partir de uma reflexão dos próprios atores da questão, compreender criticamente o que se passa no seu ambiente social é fundamental para que o pesquisador consiga descrever parcialmente sobre a educação, e como funciona aquela realidade das experiências dos professores, no caso dos professores da comunidade do Bom Jesus do Bacuri.

Se há um ponto em comum dos professores da Comunidade Bom Jesus do Bacuri, com as demais comunidades do lago de Tefé, é a que a luta pela educação é diária. Nenhum desses profissionais tem uma rotina comum, simples, muito menos educacionalmente ideal para o ensino.

É necessário que haja entrega, física e mental desses profissionais, necessário de uma doação ao trabalho, que muitas vezes não compensa em valores materiais, mas que se observado atentamente compensa muito mais que o valor do salário pode pagar. Compensa nos frutos a serem colhidos, nas vidas que são transformadas, nos indivíduos que não serão os mesmos de antes, uma realidade precária que aos poucos, com o passar dos anos vai se modificando para uma perspectiva melhor.

Cada relato, cada resposta, cada reação que recebemos na pesquisa de campo foram essenciais para entender o papel do Educador do Campo, que de sua maneira expressam a forma de educar, que usam a realidade ao redor para inserir os alunos no mundo das ideias. E que assim eles transformam as práticas pedagógicas da escola da comunidade.

É preciso muito mais do que disposição para lidar com as adversidades da educação do campo, é necessária coragem. Freire (1974) diz que a educação é um ato de amor, por isso,

um ato de coragem. Não pode temer o debate. Assim como ocorre com esses profissionais do campo, empurrados em uma estrada íngreme, sem escolhas fáceis, em deixa as coisas como estão ou de modificar a aquele caminho difícil.

Como afirma o autor acima é preciso ter coragem, educar é sem dúvidas um ato político, sobretudo para aqueles profissionais que não aceitam sua realidade de vida como ela é, mas sim como ela pode ser. Ensina apesar da realidade do ambiente, fazer além do que pode ser feito, para melhorar a educação, ou seja, tentar tirar o melhor possível de situações difíceis do ambiente escolar. A Educação do Campo propõe que os indivíduos por meio da consciência crítica, transformadora e diferencial, emerge em uma educação como uma prática de liberdade. Essa liberdade que a educação oferece aos indivíduos serve como arma para modificar a realidade do campo.

Por fim, o ato de coragem desses profissionais de diariamente deixar seus filhos, família em casa e seguir viagem a um trabalho árduo, de trajetória duvidosa, e ainda assim seguir ensinando, seguir trabalhando mesmo em todas as dificuldades, é a maior batalha desses profissionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Alan Bonfim. A Docência na Educação do Campo. Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2018.

BATISTA, Lilian de Oliveira; BORGES, Rejane Simões; BRANDÃO, Amanda Ribeiro. EDUCAÇÃO DO CAMPO: desafios e possibilidades das práticas docentes na educação infantil. Faculdade Doctum de Serra – GRADUAÇÃO. Monografia de graduação. Serra/ES, 2018.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. "Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos." Porto editora, 1994

_____. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. MEC: Brasília, 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em: 10 Maio de 2022

CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo: notas para uma análise de percurso. In: II Encontro Nacional de pesquisa sobre Educação do Campo. Brasília, 2008.

CALDART, Roseli Salete et al. Educação do campo. Dicionário da educação do campo, v. 2, p. 257-265, 2012.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Brasil: Paz e Terra. 2014

LEITE, Sérgio Celani. Escola Rural: urbanização e políticas educacionais. São Paulo: Cortez, 1999.

PANHO, Maria Leila. Educação do Campo: Algumas reflexões a partir do olhar geográfico. Programa de Pós-graduação em Geografia – Unioeste. 2015.

TAVARES, Maria Trindade dos Santos. Da educação rural à educação do campo no amazonas: rupturas e permanências. Tese Doutorado em Educação-UFAM, 2018.

SANTOS, Johmara Assis dos. Comunidade rural Bom Jesus do Bacuri: Memórias, experiências e luta pela terra 1971-2013. Dissertação de Mestrado. PPGH-UFAM, Manaus, 2018.

Vilhena Júnior, Waldemar Moura. A política de educação do campo entre o pensado e o praticado: um estudo sobre convênio UEA/INCRA/PRONERA: 2004/2008 / Waldemar Moura Vilhena Júnior. - Manaus: UFAM, 2013.
119 f.; il. color

ANEXOS

EDUCAÇÃO DO CAMPO: MOTIVAÇÕES E DESAFIOS DOS PROFESSORES DA ESCOLA MUNICIPAL BOM JESUS-BACURI

Questionário 01

Investigar as experiências dos professores que lidam na Escola Municipal Bom Jesus, da Comunidade Rural Bacuri. Assim, para que possamos ter um quadro o mais fiel possível de nossa situação, por favor responda cada pergunta o mais fielmente possível às suas condições de vida e formação.

1. Identificação e condições de vida

1.1. Qual o seu nome completo?

-

1.2. Há quanto tempo trabalha na Zona Rural?

1.3. Em que ano você nasceu?

1.4. Você é natural de qual município e estado?

1.5. Se você não morava em Tefé, quanto tempo você levou da sua residência anterior até a cidade de Tefé?

1.6. Quantas pessoas dividem moradia com você?

1 até 3 4 ou mais moro só

2. Identificação de Formação

2.1. Qual o seu curso de formação?

2.2. Em algum momento você já chegou a trabalhar com outras área diferente da sua formação?

Não Sim Qual? _____

2.3. Você já trabalhou em outras comunidades além da comunidade do Bacuri?

Não Sim: Quais?: _____

2.4. Após a conclusão da graduação em que nível acadêmico está sua formação?

- a) Apenas graduação
- b) Especialização
- c) Mestrado
- d) Doutorado

e) Pós doutorado

3. Condições de Trabalho no Campo

3.1. Se você já morava em Tefé anteriormente, quanto tempo você leva de casa até o a Comunidade –Bacuri ?

3.2. Para exercer a atividade docente no campo é necessário gastos com:

- Transporte via mototaxi
- Materiais didático pedagógicos
- Alimentação
- Materiais de proteção pessoal (repelente, bota, protetor solar, dentre outros.)
- Catraia/lancha
- Gasolina/Disel outros: _____

3.3. Você atua com quantas cadeira?

- apenas 1 cadeira duas cadeiras três cadeiras

3.3.1 Se caso você atua com duas ou mais cadeiras, são na mesma comunidade?

- Sim Não Qual? _____

3.4 Em relação ao transporte via catraia/ lancha, você já passou por algum momento de perigo ou risco de vida?

- Não Sim

3.4.1 Se sim explique:

3.5 Antes de atuar na zona rural você teve algum tipo de preparação acadêmica sobre a dinâmica da Educação do Campo?

- Não Sim



GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS

AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE ENTREVISTA

PARTICIPANTES DA ENTREVISTA

Nome do entrevistador(a): *Michela Monteiro Rocha*
 Endereço: *R. Senador Fabio Lourenço 145 São José*
 CI (RG): *2660185-0*
 CPF: *018653562-71*

Nome do entrevistado: *Fernando Nascimento da Rocha*
 Endereço do entrevistado(a): *AV. Brasil nº 213 - B: Juruá*
 CI (RG): *0674670-5*
 CPF: *229.401.972-53*

Os participantes do presente trabalho (ENTREVISTA):

- participaram do trabalho e responsabilizam-se publicamente por ele;
- **revisaram a forma final** do trabalho e o aprovam para publicação *online* (ou impressa, se for o caso);
- garantem que este trabalho é de sua autoria e assumem integral responsabilidade diante de terceiros, quer de natureza moral ou patrimonial, em razão de seu conteúdo, declarando, desde já, que a obra a ser entregue é **original**, e que não infringe quaisquer direitos de propriedade intelectual de terceiros.

Os participantes concordam em ceder os direitos autorais da entrevista, autorizando a reformulação de linguagem, se necessária. Dessa forma, autorizam a edição de seu trabalho e concedem ao entrevistador permissão para reproduzir, comercializar, editar e publicar o citado trabalho impresso em papel ou *online* ou em qualquer outro meio eletrônico. Tal concessão não terá caráter oneroso para ambas as partes.

A reprodução total ou parcial do mesmo em outras publicações requer a autorização por escrito do entrevistador.

Tefé, 09 de 05 de 2022

Michela Monteiro Rocha

Assinatura do entrevistador(a)

Fernando Nascimento da Rocha

Assinatura do ENTREVISTADO



Fonte: ROCHA, 2022



Fonte: ROCHA, 2022



Fonte: ROCHA, 2022



Fonte: ROCHA, 2022



Fonte: ROCHA, 2022



Fonte: ROCHA, 2022



Fonte: ROCHA, 2022





Fonte: ROCHA, 2022



Fonte: ROCHA, 2022